

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

6

**O LIVRO NEGRO
da Evocação
dos Espíritos**



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.**

11

12

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 6

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

**O Livro Negro da
Evocação dos Espíritos**

IV EDIÇÃO

1960

**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS, FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O.F.M. PETRÓPOLIS, 29-II-1960.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A EVOCAÇÃO DOS ESPÍRITOS.

A prática de evocar os espíritos (necromancia) ou colocá-los ao serviço do homem (magia) se difunde sempre mais. São os vários ramos do Espiritismo que tomaram a si a divulgação da necromancia ou da magia. Recorrendo a todos os meios da propaganda moderna, à palavra escrita, falada e irradiada, kardecistas, umbandistas e outras variedades de espíritos, necromantes e magos se esforçam por espalhar e implantar nos meios católicos de nossa terra a prática da evocação dos mortos e da consulta aos espíritos do além, para “exercer a caridade”. Perguntar aos espíritos num centro kardecista ou num terreiro de Umbanda, antes de emprender alguma obra importante, transformou-se em verdadeiro vício até para gente de destacada posição social. Diplomatas, deputados, militares, comerciantes, advogados, médicos e outros, pensam que não é tempo perdido consultar necromantes, babalaôs, macumbeiros, batuqueiros, babás, bruxas, cartomantes ou outras espécies de pitões ou pitonisas.

O aspecto moral da liceidade desta prática nem sequer é problema para êles. Em nome da “liberdade religiosa” tudo isso é declarado lícito e bom. Os Padres, que por acaso lembram a proibição divina de semelhantes ações, passam por intolerantes, facciosos, atrasados, escravos de “dogmas rançosos”, inimigos da liberdade e do progresso. Mas ao mesmo tempo êsses nossos modernos necromantes e magos querem continuar católicos, dizem-se cristãos ou seguidores de Cristo e proclamam “amar a Deus sôbre tôdas as coisas”.

Mas esta atitude nem sempre é fruto da má vontade. Fundamentalmente o nosso povo é bom e religioso. Quando tiram o chapéu ao pronunciar o santo nome de Deus ou ao passar perante uma igreja, mesmo quando estão a caminho para algum centro ou terreiro, êste gesto é sem dúvida leal e sincero. O que há é desconhecimento

das coisas religiosas. E esta ignorância é hàbilmente explorada pelos propagadores do êrro, do pecado e da superstição. A prática da necromancia é airoosamente envolvida no manto cristão da caridade e o exercício da magia é cuidadosamente dissimulado sob a piedosa capa da devoção aos Santos.

A instrução é o remédio da ignorância. O presente caderno quer apenas ajudar a esclarecer. Destina-se aos católicos que, ou por ignorância ou levados por falsa propaganda, sucumbiram à tentação de consultar os modernos pitões e são constantemente solicitados para isso.

A cerrada documentação com que mostraremos a proibição divina e o perigo natural da evocação dos espíritos, deixará na mente do atento leitor a impressão de estar diante dum autêntico Livro Negro do Espiritismo...

I. E' DIVINAMENTE PROIBIDO EVOCAR ESPIRITOS.

1) A Prática do Espiritismo é Antiquíssima.

No Espiritismo devemos distinguir nitidamente entre o aspecto *doutrinário* e o lado *prático*. A prática do Espiritismo consiste substancialmente na evocação dos mortos ou espíritos; a doutrina do Espiritismo é o resultado da codificação das mensagens recebidas mediante a evocação. A parte prática é, em sua essência, sempre a mesma e sob este aspecto o Espiritismo é um só e não se distingue em Espiritismo Latino e Espiritismo Anglo-Saxão, em Espiritismo Alto e Espiritismo Baixo, em Espiritismo Kardecista e Espiritismo Umbandista, etc.: tudo isso é uma coisa só: evocação dos espíritos. Apenas haverá diferenças modais (e por isso mesmo acidentais) quanto ao modo como fazer a evocação. Mas sob o ponto de vista doutrinário as diferenças são muitas vêzes essenciais, havendo por exemplo uns que aceitam e outros que negam a teoria da reencarnação, uns deístas outros panteístas, etc. Como doutrina o Espiritismo é relativamente recente e vem do século passado; como prática é antiquíssimo e encontramos-lo entre muitos povos antes da era cristã. Mostraremos dois exemplos antigos:

O historiador Ammianus Marcellinus (A. D. 371) descreve minuciosamente o andamento de uma sessão espírita daqueles remotos tempos: Haviam-se reunido alguns conspiradores para derrubar o imperador Flavius Valens e desejavam conhecer o nome do sucessor a quem deviam eleger. Para esse fim recorreram à realização de certas práticas de magia que um deles, de nome Hilário, nos descreve com estes pormenores: Começaram por fazer, com varas de loureiro entrelaçadas, uma pequena mesa com a forma de tripode de Delfos e, por meio de repetidas fórmulas místicas, fizeram a sagração da referida mesa, com o fim de a consultarem sobre assuntos secretos. Colocaram-

na depois no meio de uma sala que tinha sido cuidadosamente purificada com perfumes da Arábia. Sobre a mesa foi colocada uma espécie de prato redondo, na borda do qual estavam gravadas as vinte e quatro letras do alfabeto, a uma distância regular umas das outras. Suspenso do teto por um delgado fio, havia um pequeno anel que se baloiçava de um lado para o outro, devido ao movimento que lhe era incutido por uma pessoa iniciada neste sagrado rito. Com êsse movimento, o anel caía sucessivamente sobre diversas letras, compondo assim versos heróicos e dando respostas metódicas, semelhantes às dos oráculos de Pítia. Por êste meio os referidos conspiradores chegaram a saber que o nome do sucessor de Valens era composto pelas letras T, E, O, D, que um dos assistentes interpretou como sendo o nome de Teodoro (Cf. Lépicier, *O Mundo Invisível*, Pôrto 1951, p. 1 s.).

Muito melhor é ainda a descrição da consulta que o rei israelita, Saul, fez à pitonisa (médium) de Endor, consoante lemos no c. 28 (vers. 5-15) do primeiro livro dos Reis: “E vendo Saul o exército dos filisteus, teve medo, e o seu coração intimidou-se sobremaneira. E consultou o Senhor, o qual não lhe respondeu nem por sonhos, nem por sacerdotes, nem por profetas. E Saul disse aos servos: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de Piton, e eu irei ter com ela, e a consultarei. E os servos disseram-lhe: “Em Endor há uma mulher que tem o espírito de Piton”. Saul, pois, disfarçou-se, e tomou outros vestidos, e partiu êle e dois homens com êle, e chegaram de noite à casa da mulher, e disse-lhe: Adivinha-me pelo espírito de Piton, e faze-me aparecer quem eu te disser. E a mulher respondeu-lhe: Tu bem sabes tudo o que fez Saul, e como exterminou do país os magos e os adivinhos; por que armas, pois, ciladas à minha vida, para me matarem? E Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo: Viva o Senhor, que disto não te virá mal algum. E a mulher disse-lhe: Quem queres tu que te apareça? Saul disse: Faze-me aparecer Samuel. E a mulher, tendo visto aparecer Samuel, deu um grande grito, e disse a Saul: Por que me enganaste? Tu és Saul? E o rei disse-lhe: Não temas; que viste tu? E a mulher disse a Saul: Vi um deus que subia da terra. E Saul

disse-lhe: Como é a sua figura? Ela respondeu: Subiu um homem ancião, e êsse envolvido numa capa. E Saul compreendeu que era Samuel, e fêz-lhe uma profunda reverência, e prostrou-se por terra. Mas Samuel disse a Saul: Por que me inquietaste, fazendo-me vir cá?". Etc.

Vê-se pelos exemplos citados que, essencialmente, essas práticas são idênticas ao que se faz na moderna necromancia (Espiritismo) ou magia (Umbanda). Ora, não será difícil documentar que precisamente isto foi severamente proibido por Deus:

2) "Não Consultarás os Mortos"

Arrolemos primeiramente os textos principais em que Deus interditou ao homem o exercício da necromancia e da magia:

1) *Êxodo 22, 18*: "Não deixarás viver os feiticeiros".

2) *Lev 20, 6*: "A pessoa que se dirigir a magos e adivinhos e tiver comunicação com êles, eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei do seu povo".

3) *Lev. 20, 27*: "O homem ou a mulher, em que houver espírito pitônico ou de adivinho, sejam punidos de morte. Apedrejá-los-ão, o seu sangue cairá sôbre êles". Supõe-se, evidentemente, que tal homem ou mulher *exercite* seu "espírito pitônico".

4) *Lev 19, 31*: "Não vos dirijais aos magos, nem interrogueis os adivinhos, para que vos não contamineis por meio dêles. Eu sou o Senhor vosso Deus".

5) *Deut 18, 10-14*: "Não se ache entre vós... quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem consulte pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade. Porque o Senhor abomina tôdas estas coisas, e por tais maldades exterminará êstes povos à tua entrada. Serás perfeito e sem mancha como o Senhor teu Deus. Êstes povos, cujo país tu possuirás, ouvem os agoureiros e os adivinhos; tu, porém, foste instruído doutro modo pelo Senhor teu Deus".

6) *4 Reis 17, 17*: (enumerando os crimes de Israel, pelos quais foi castigado:) "...e entregaram-se a adivinha-

ções e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor, provocando-lhe a ira. E o Senhor indignou-se sobremaneira contra Israel e rejeitou-o de diante de sua face..."

7) *Isaias 8, 19-20*: "E quando vos disserem: consultai os pitões e os adivinhos, que murmuram em segrêdo nos seus encantamentos: Acaso não consultará o Povo ao seu Deus, há de ir falar com os mortos acêrca dos vivos? Antes à Lei e ao Testamento é que se deve recorrer. Mas, se eles não falarem na conformidade desta palavra, não raiará para eles a luz da manhã".

Analisemos sistemàticamente os textos citados. A palavra divina é clara:

- "Não vos dirijais aos magos!"
- "Não interrogueis os adivinhos!"
- "Não se ache entre vós quem consulte adivinhos!"
- "Não se ache entre vós quem observe sonhos e agouros!"
- "Não se ache entre vós quem use malefícios!"
- "Não se ache entre vós quem seja encantador!"
- "Não se ache entre vós quem consulte pitões!"
- "*Não se ache entre vós quem indague dos mortos a verdade!*"

Porque:

- "O Senhor abomina estas coisas";
- "por tais maldades exterminará êstes povos";
- "tu foste instruído doutro modo pelo Senhor teu Deus";
- "antes à Lei e ao Testamento é que se deve recorrer".

E quem desobedecer:

- "Não o deixarás viver!"
- "Eu porei o meu rosto contra êle".
- "Eu o exterminarei do seu povo".
- "Seja punido de morte!"
- "Rejeito-o de diante de minha face".
- "Não raiará para êle a luz da manhã".

Clara, repetida, enérgica e severíssima é, pois, esta proibição. E o Senhor nosso Deus não se limita a ameaçar:

- Os povos que ocupavam a terra de Canaan antes de Israel foram exterminados porque praticaram a necromancia e a magia;
- o próprio povo de Israel que, apesar de tão severas proibições, se entregou às mesmas práticas espíritas, foi por isso vítima da justa indignação do Criador, que rejeitou Israel;
- O rei Saul, que, como vimos, fôra consultar a pitonisa de Endor, foi, também, por êste motivo, severamente castigado. Os espíritas se comprazem muitas vêzes em citar aquela passagem para demonstrar que é possível a evocação. Mas não se lembram de meditar também no trágico fim do mesmo Saul. Pois o texto sagrado nos revela também o seguinte: *“Morreu, pois, Saul, por causa das suas iniquidades, porque tinha desobedecido ao mandamento que o Senhor lhe tinha impôsto e não tinha observado; e, além disso, tinha consultado a pitonisa e não tinha pôsto a sua confiança no Senhor; por isso êle o matou, e transferiu o seu reino para David, filho de Isai”* (1 Paralel 10, 3).

3) Êste Mandamento Divino Jamais foi Revogado.

“Não julgueis — disse Cristo — que vim abolir a lei e os profetas; não os vim abolir, mas levar à perfeição. pois em verdade vos digo que antes de passarem o céu e a terra não passará um só “i”, nem um ápice sequer da lei, enquanto não chegar tudo à perfeição. Quem abolir algum dêesses mandamentos, por mínimo que seja, e ensinar, assim a gente, passará pelo ínfimo no reino do céu. Aquêle, porém, que os guardar e ensinar será considerado grande no reino do céu” (Mt 5, 17-19).

Dizem os espíritas que Jesus foi um grande médium. Mas observa com perspicácia o Card. Lépicier (*O Mundo Invisível*, 1951, pp. 281 ss.): em parte nenhuma dos Evangelhos lemos que Nosso Salvador, ao realizar suas muitas obras miraculosas, tivesse recorrido ao complicado e teatral aparato com que os espíritas profissionais realizam seus trabalhos. Jamais vemos que Jesus tivesse qualquer artificiosa seleção de lugar, tempo e pessoas, quartos escuros ou semi-

escuros, posição especial por parte dos presentes, nem nunca houve estado de transe por parte do principal operador. Cristo operava seus milagres sem prévia preparação ou qualquer aparato, em qualquer lugar e a qualquer hora, sobre qualquer espécie de pessoa, sem sombra de hesitação, muitas véses instantâneamente, por um simples ato de sua vontade e sem se preocupar com o fato de as circunstâncias lhe serem ou não favoráveis. Seus ouvintes não precisavam esperar longas horas até que se desse o fenômeno, nem jamais eram decepcionados.

Os espíritas aceitam só com muita repugnância e apenas com prévia consulta do "guia" (como sabemos por experiência pessoal) gente estranha ou até hostil ao Espiritismo: Jesus, pelo contrário, fazia seus milagres entre amigos e inimigos, sendo até êstes últimos muitas véses mais numerosos e sempre prontos a acusá-lo de erro ou de fraude. Cristo continua sempre natural, simples e digno. Não trabalhava com pancadas, mudanças de objetos, elevações de móveis, produção de sons musicais ou coisas semelhantes, como hoje é comum nas sessões de efeitos físicos. Nem fazia milagres para divertir multidões ou para satisfazer curiosidades. Os milagres feitos por Cristo sempre o deixaram de perfeita saúde e no pleno uso consciente de suas faculdades físicas e intelectuais, sem aquêle esgotamento e nervosismo que notamos nos médiuns, que depois precisam descansar longos dias.

Quando necessário, Jesus ressuscitava mortos, multiplicava pães, mudava água em vinho, amainava tempestades, curava à distância, purificava leprosos, dava vista aos cegos, ouvido aos surdos e fala aos mudos. Cristo não se entretinha com os espíritos (demônios), não lhes formulava perguntas, nem lhes pedia provas de identidade: apenas os expulsava e admoestava as vítimas contra o perigo de novas possessões. Nunca ensinou que temos o dever de procurar a verdade por intermédio dos mortos. Na parábola do rico epulão e do pobre Lázaro insinua precisamente o contrário. Nunca ditou quaisquer regras que pudessem servir para diferenciar o bem do mal, a verdade da mentira nas comunicações do além. Nem nos deixou instruções especiais a respeito do modo de obter comunicações ou de evitar os

já conhecidos perigos para alma e corpo. E' que Jesus não era médium, nem muito menos espírita.

Na atividade dos Apóstolos, instruídos e largamente preparados por Cristo, verificamos o mesmo. E se acompanharmos as viagens apostólicas de um São Paulo, veremos que êle, mais de uma vez, teve encontros violentos com necromantes, feiticeiros e magos. Eis alguns exemplos dos Atos dos Apóstolos:

Atos 12, 6-12: Paulo e Barnabé "percorreram a ilha (de Chipre) tôda até Pafos, onde encontraram um jovem judeu, mago e falso profeta, que se chamava Barjesus. Vinha na comitiva do procônsul Sérgio Paulo, homem criterioso. Mandou êste chamar a Barnabé e Saulo e desejava ouvir a palavra de Deus. Élimas porém — quer dizer o mago, pois é assim que se traduz o seu nome — se lhes opôs, procurando apartar da fé o procônsul. Então Saulo, que também se chama Paulo, repleto do Espírito Santo, encarou Élimas e disse: O' filho do demônio, cheio de tôda a falsidade e malícia, inimigo de tôda a justiça, não cessas de perverter os caminhos retos do Senhor? Eis que vem sôbre ti a mão do Senhor; serás cego e não verás o sol por certo tempo. Imediatamente o envolveram trevas espessas; e êle, tateando em derredor, procurava quem lhe desse a mão. O procônsul, à vista dêste acontecimento, creu, admirando a doutrina do Senhor".

Atos 19, 11-20: "E Deus operava milagres extraordinários por mão de Paulo. Até os lenços e aventais que tinham tocado no seu corpo se applicavam aos enfermos, e as moléstias fugiam dêles e os espíritos malignos saíam. Também alguns dos exorcistas judeus, que percorriam o país, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sôbre os endemoninhados, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo anuncia! Quem isto praticava eram os sete filhos de um tal Ceva, sumo sacerdote judeu. O espirito maligno, porém, replicou: Conheço a Jesus, e sei quem é Paulo; mas vós quem sois? E com isso o homem possesso do espirito maligno investiu contra êles, subjugou dois dêles e a tal ponto lhes fêz sentir o seu poder que, nus e feridos, tiveram que fugir daquela casa. Chegou êste fato ao conhecimento de todos os judeus e pagãos que residiam em Éfeso, e despertou um terror universal, ao mesmo tempo que o nome do Senhor Jesus adquiria grande lustre. Muitos dos crentes se apresentavam, confessando e declarando públicamente o que haviam cometido. *Outros muitos, que tinham praticado artes mágicas, trouxeram os seus livros e os queimaram aos olhos de todos; calculôu-se o valor dêles em cinqüenta mil dracmas de prata.* Desta arte crescia e se firmava poderosamente a palavra do Senhor".

Atos 16, 16-18: “De caminho para o lugar de oração deparou-se-nos uma escrava que tinha espirito de pitão e com as suas adivinhações dava grande lucro aos senhores. Deitou a correr no encalço de Paulo e de nós, gritando: Estes homens são servos de Deus altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação! Fazia isto por muitos dias. Paulo, aborrecido, voltou-se e disse ao espirito: Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela! E na mesma hora saiu”.

Atos 9, 9-12: “Ora, desde muito vivia na cidade (de Samaria) um homem por nome Simão, que praticava a magia e iludia o povo, arvorando-se num ente superior. Tôda a gente lhe dava ouvidos, desde o menor até ao maior, dizendo: Este é a virtude de Deus, que se chama grande. Aderiram-lhe, porque os fascinara, por largo tempo, com suas artes mágicas. Quando, porém, apareceu Filipe pregando a boa nova do reino de Deus e do nome de Jesus, homens e mulheres abraçaram a fé e foram batizados. Então creu também Simão, recebeu o batismo”, etc.

4) “Amarás o Senhor teu Deus”.

De tudo isso podemos coligir com certeza absoluta que o mandamento divino de não evocar os espíritos jamais foi revogado.

Não compreendemos, por isso, como se possa combinar a prática da evocação dos espíritos com o maior de todos os mandamentos de Deus: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, de tôda a tua mente, com tôdas as tuas fôrças”. E Jesus acrescenta: “Este é o primeiro, o grande mandamento” (Mt 22, 37 s.). Ora, a suposição natural para cumprir esta nossa máxima obrigação é observar também os outros mandamentos divinos, inclusive o que diz: “Não indagarás dos mortos a verdade”. “Se me amais — diz o Senhor, — guardai os meus mandamentos” (Jo 14, 15); “quem guarda os meus mandamentos e os observa, êsse é que me ama” (Jo 14, 21); “vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando” (Jo 15, 14).

O necromante, o mago, o espírita e todos aquêles que favorecem, protegem e propagam a necromancia, a magia e o Espiritismo, desobedecem manifestamente a uma ordem expressa de Deus e por isso jamais poderão dizer leal e sinceramente esta pequena mas importantíssima oração que todo homem deve poder pronunciar: “Meu Deus, eu vos amo!”

Oxalá possa escrever-se, em breve, do Brasil, o que se lê acêrca dos hebreus: "Não há agouros em Jacob, nem adivinhações em Israel" (Nm 23, 23). Posteriormente, como vimos acima, o povo israelítico mudou de atitude e se entregou às práticas espíritas. Mais tarde o inspirado cronista viu-se forçado a escrever: "... e entregaram-se (os israelitas) a adivinhações e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor provocando-lhe a ira. E o Senhor indignou-se sobremaneira contra Israel e rejeitou-o de diante de sua face" (4 Reis 17, 17). O órgão oficial da Federação Espirita Brasileira (FEB), *Reformador*, publicou, ufano, no fascículo de setembro de 1953, p. 199, o seguinte: "Graças à FEB, aos trabalhos dos febianos, entre todos os países do mundo inteiro é o Brasil aquêl que se acha mais kardequizado"; e mais: "Graças à FEB, à propaganda que ela sempre desenvolveu em tôrno das obras de Kardec, o Brasil delas editou muitas e muitas vêzes mais que a soma das edições lançadas por todos os países do mundo e por preço sempre inferior, às vêzes 60% de diferença". — De fato, muita evocação de mortos e espíritos se pratica por êste grande Brasil afora, muita desobediência e muita revolta contra o Criador, graças aos propagandistas do Espiritismo. Não aconteça que, mais tarde, outro cronista inspirado deva sentar-se também à rústica escrivaniha, para relatar: "... e entregaram-se os brasileiros a adivinhações e agouros, e abandonaram-se a fazer o mal diante do Senhor, provocando-lhe a ira. E o Senhor indignou-se sobremaneira contra o Brasil e rejeitou-o de diante de sua face..."

Motivos, certamente, não faltariam.

5) Diretrizes Oficiais da Igreja.

"Se teu irmão cometer falta contra ti, vai e repreende-o entre ti e êle só. Se te der ouvido, terás lucrado teu irmão; mas se te não der ouvido, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que pelo depoimento de duas testemunhas fique tudo apurado. Se nem ouvir a êsses, vai dizê-lo à Igreja; se não ouvir à Igreja, tem-no em conta de pagão e publicano". Palavra de Cristo; e dirigindo-se aos Apóstolos, acrescentou o Divino Mestre: "Em verdade vos digo

que tudo o que ligardes sôbre a terra será ligado também no céu; e tudo o que desligardes sôbre a terra, será desligado também no céu” (Mt 18, 15-18). Pois “quem vos ouve a mim me ouve; quem vos despreza a mim me despreza; mas quem me despreza, despreza aquêle que me enviou” (Lc 10, 16).

E a Igreja, divinamente autorizada, falou:

1) Logo no início do moderno movimento espírita, no dia 4 de agosto de 1856, a Santa Sé visava diretamente o Espiritismo, quando afirmava que:

“Evocar as almas dos mortos e pretender receber suas respostas, manifestar coisas ocultas e distantes, ou praticar outras superstições análogas, é absolutamente ilícito, herético, escandaloso e contrário à honestidade dos costumes”.

2) No dia 1.º de fevereiro de 1882 declarou a Sagrada Penitenciaria que a mera assistência passiva a consultas e práticas espíritas é ilícita por causa do mau exemplo e do perigo da salvação, que nunca são alheios a tais práticas.

3) O Santo Ofício publicou no dia 31 de março de 1898 uma resposta oficial sôbre a liceidade da escrita automática provocada com a finalidade de obter respostas do além. No caso proposto as circunstâncias eram as mais favoráveis que se poderiam imaginar. Eis o caso proposto e a resposta oficial:

“Tito, depois de excluir qualquer comunicação com o mau espírito, tem o costume de evocar as almas dos defuntos. Costuma proceder da seguinte maneira: Quando está só, sem outra preparação, dirige uma prece ao príncipe da milícia celeste a fim de obter dêle o poder de comunicar-se com o espírito de determinada pessoa. Espera algum tempo; depois, enquanto conserva a mão pronta para escrever, sente um impulso que lhe dá a certeza da presença do espírito. Expõe então as coisas que deseja saber e sua mão escreve as respostas a estas questões. Tais respostas concordam inteiramente com a fé católica e a doutrina da Igreja acêrca da vida futura. Geralmente elas falam sôbre o estado em que se encontra a alma do tal falecido, pede sufrágios, etc. E' lícito proceder desta maneira?” — A resposta oficial, aprovada pelo Papa Leão XIII, foi categórica: “*O que foi exposto não é permitido*”.

4) Afinal, no dia 27 de abril de 1917 foi exarado o seguinte decreto oficial do Santo Ofício:

“Em reunião plenária dos Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais, Inquisidores gerais em assuntos de fé e moral, foi proposta a seguinte questão: Se é lícito assistir a sessões ou manifestações espíritas, sejam elas realizadas ou não com o auxílio de um médium, com ou sem hipnotismo, sejam quais forem essas sessões ou manifestações, mesmo que aparentemente simulem honestidade ou piedade; quer interrogando almas ou espíritos, ou ouvindo-lhe as respostas, quer assistindo a elas com o protesto tácito ou expresso de não querer ter qualquer relação com espíritos malignos. Os acima citados Eminentíssimos e Reverendíssimos Padres deram como resposta: *Negativa em todos os casos*. Sendo isso levado ao conhecimento do Papa Benedito XV, Sua Santidade, na Quinta-Feira seguinte, 26 do mesmo mês, aprovou a decisão dos Eminentíssimos Padres. — Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, aos 27 de abril de 1917”.

5) Também no Brasil, muitas vezes e com absoluta clareza, falaram as nossas competentes autoridades eclesásticas. Numerosos Bispos escreveram Cartas Pastorais especialmente dedicadas ao problema do Espiritismo e em que admoestaram calorosamente os fiéis contra os perigos sobrenaturais e naturais da prática da evocação dos espíritos e repetiram sua condenação total. Particular destaque merece a Pastoral Coletiva do Episcopado do Norte (Baía 1915), da qual transcrevemos as declarações finais:

“Assim, pois, não é lícito, Irmãos e Filhos muito amados, não só promover, mas mesmo simplesmente assistir às sessões espíritas.

Não é lícito se se assiste com a idéia de serem realmente evocados os espíritos, pois, ainda que se não aderisse à doutrina espírita (o que equivaleria a errar na fé e tornar-se herege), seria um verdadeiro ato de superstição condenado pela Igreja Católica.

Não é lícito, mesmo apartada toda a idéia de evocação, porque a triste e múltipla experiência tem provado quão facilmente se deixam os homens arrastar para o erro espírita por aquelas aparências prodigiosas. Ora, é sempre ilícito expor-se sem necessidade a um perigo grave para a vida sobrenatural e para a salvação.

Não é lícito sobre o pretêxto de estudo, pois vimos, Irmãos e Filhos muito amados, quão impróprias são as sessões ordinárias para se chegar a um conhecimento sério dos fatos, antes, por tôdas as circunstâncias em que se realizam, são acomodadas para o desvairamento e para produzir convicções contrárias à realidade.

E vós mesmos, Irmãos e Filhos muito amados, vereis agora se pode ser lícita aquela assistência às sessões es-

píritas por mero divertimento ou curiosidade, quando, além de todos os motivos que vos apresentamos, vos recordamos as tristíssimas conseqüências de loucuras e outras desordens, quer orgânicas quer de ordem moral, bem conhecidas de todos.

Só nos resta, Irmãos e Filhos muito amados, exortar-vos mais uma vez com todo o ardor dos nossos corações paternais, na presença de Deus, na presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, que há de vir a julgar os vivos e os mortos, a que vos não deixeis enganar por esta doutrina nefasta do Espiritismo, que tantas almas tem arrastado à heresia e privado do céu.

Abstende-vos de ler os livros e as revistas com que a seita espírita vai enganando a tantos incautos, fugi das sessões em que exibem os seus falsos prodígios.

Assegurai a vossa salvação eterna, perseverando constantes na verdadeira fé e na doutrina da Igreja Católica, Apostólica, Romana, única verdadeira; e lembrai-vos das palavras de Nosso Divino Salvador: "Só quem perseverar até ao fim, é que será salvo".

6) E, por fim, em agosto de 1953, o Episcopado Nacional em péso, por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tornou a denunciar o Espiritismo. O documento é sobejamente conhecido e já foi por nós comentado no primeiro caderno da presente série (*Por que a Igreja condenou o Espiritismo*).

Porta-voz de Deus, a Igreja apenas lembrou aos homens a proibição divina. Vejamos agora as razões que justificam plenamente e até exigem esta interdição rigorosa da evocação dos espíritos.

II. E' NATURALMENTE PREJUDICIAL EVOCAR ESPIRITOS.

1) O Livro Negro da Evocação dos Espíritos.

Deus, Autor da vida e Criador do homem, teve por certo razões graves para proibir com tanta severidade a necromancia e a magia. Quais teriam sido estas razões? O texto sagrado não o diz. Mas assim como pelos frutos se pode conhecer a árvore, do mesmo modo não será difícil descobrir a malícia intrínseca da evocação dos espíritos observando as más consequências que desta prática decorrem. Quem examinar atentamente o vasto movimento espírita que atualmente se alastra por esse Brasil; quem se der ao trabalho de ler e estudar as numerosas publicações necromânticas em revistas, jornais e livros espíritas; quem assistir às modernas sessões de necromancia e magia; quem escutar os propagandistas do Espiritismo pelo rádio ou em conferências, verificará facilmente que atrás de tudo isso, direta ou indiretamente, está sem dúvida aquele "inimicus homo", contra o qual nos advertia Cristo (Mt 13, 28), e que se aproveita das sombras da noite e da desprevenção dos homens que dormem para disseminar o erro e a discórdia. O fruto mais funesto do Espiritismo é a apostasia de Cristo e conseqüentemente de Deus. Vítimas do engodo da miragem espírita, milhões de brasileiros e irmãos nossos já estão praticamente separados da Igreja de Cristo. Este aspecto, a principal e mais entristecedora das consequências do Espiritismo, já foi por nós explanado e comprovado com muitíssimos documentos nos números anteriores desta série de brochuras "contra a heresia espírita". Não queremos agora tornar a ocupar-nos com ele. Lembremo-lo apenas para dizer que aí está sem dúvida a razão principal porque Deus insistiu tanto na proibição da necromancia. Isso justifica plenamente a iliceidade e mostra com evidência a malícia intrínseca da prática da evocação dos espíritos.

Pelos frutos se conhece a árvore: por suas consequências estudaremos a liceidade ou iliceidade moral do Espiritismo. Acabamos de lembrar a triste consequência da apostasia. Precisamos assinalar e documentar mais uma consequência, essa de ordem natural: *os efeitos que a diuturna prática da evocação dos espíritos produz sobre a saúde do corpo e da alma dos necromantes*. Confessamos desde logo a nossa incompetência para denunciar estes efeitos. Por isso mesmo tomamos a liberdade de recorrer a homens profissionalmente dedicados a tais estudos. Enviamos a alguns médicos psiquiatras (dos quais casualmente conseguimos o endereço) do Rio de Janeiro a seguinte carta:

I

Petrópolis, 25 de Outubro de 1953.

Prezado e Ilustre Doutor,

Segundo as "Normas de Estatutos para Sociedades Espíritas", editadas agora, em 1953, pela Federação Espírita Brasileira, os Centros Espíritas devem realizar sessões "para obtenção dos fenômenos espíritas", que são reguladas nestes termos pelo Art. 2.º § 2: "*O desenvolvimento das faculdades mediúnicas consistirá, principalmente, no aprendizado, para o médium, da Doutrina, em geral, e, em particular, no exercício da concentração, da meditação e da prece, no apuramento da sua sensibilidade, para o efeito de perceber, pela sensação que lhe produzem os fluidos perispiríticos do Espírito que dele se aproxime, de que ordem é este; na aprendizagem da maneira por que se deve comportar o seu próprio Espírito durante a manifestação, tudo mediante o estudo d'"O Livro dos Médiuns" e de outras obras congêneres, estudo sem o qual nenhum médium deverá entregar-se à prática da mediunidade, sobretudo sonambúlica*" (p. 19).

Em vista disso, e considerando a enorme multiplicação entre o povo simples, já por todo o vasto Brasil, de Centros Espíritas (segundo declarações do chefe da secção de Tóxicos e Mistificações do Rio de Janeiro à "Tribuna da Imprensa" 8 de Abril p. p. há só no Rio 7.000 Centros registrados!), tomo a liberdade de interrogar a opinião de V. S., pedindo-lhe a fineza de, baseado em suas observações e experiências, responder-me aos quesitos que seguem:

1.º E', sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades "mediúnicas" e provocar "fenômenos espíritas"?

2.º O médium, ainda mais o "desenvolvido", pode ser considerado tipo normal e são?

3.º Que pensa V. S. da prática popularizada de Centros Espíritas com a supra-indicada e prescrita finalidade?

4.º Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas?

5.º E' conveniente ou até urgente uma medida pública de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas, como nocivos à Saúde Pública?

Peço desde já licença para publicar sua resposta.

Respeitosamente,

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Nem todos responderam, coisa muito comum em casos destes, quando se trata de cartas circulares. Publicaremos a seguir o texto integral das respostas recebidas. Completaremos depois nosso documentário com outras declarações semelhantes. No fim daremos uma análise sistemática dos pronunciamentos mais notáveis para a finalidade que temos em vista. Eis aí os textos:

Prof. J. Alves Garcia:

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg
Petrópolis

A circular de 25 de Outubro de V. S. veio despertar o meu interesse por tema que já tinha considerado há alguns anos.

Há mais de três lustros observo enfermos mentais de vária índole, alguns dos quais tiveram o seu delírio conformado ou induzido pela prática do baixo espiritismo. Em geral, trata-se de delirantes alucinatórios crônicos, que após um período de *desenvolvimento* adotam uma concepção mórbida, mística, mediúnica, na qual se percebe a sugestão das práticas dos *terreiros*, outrora suburbanos, e que agora se realizam em pleno centro da Capital da República!

Em certa época, passei a frequentar alguns centros espíritas, a fim de estudar a influência dos exercícios mediúnicos sobre alguns tipos de enfermos mentais. O que vi, não pode ser relatado nesta carta, pois daria para todo um ensaio. O aspecto mais grave, a meu ver, foi a prática ilegal da medicina, com receituário epistolar de preparados farmacêuticos de diversos tipos e a doentes em que eles seriam contraindicados.

Passo a responder aos quesitos formulados:

1.º E' sob o ponto de vista psicológico e médico, aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades mediúnicas e provocar fenômenos espíritas? Resposta: Não; o *desenvolvimento* mediúnico exalta qualidades patológicas latentes, sugestiona as pessoas simples, e em doentes mentais precipita a psicose e dá colorido especial aos delírios.

2.º O *médium*, ainda mais o desenvolvido, pode ser considerado tipo normal e são? Resposta: Não; tornam-se médiuns autênticos os neuróticos de certa classe, — histéricos e obsessivos, que possuem suficiente sugestionabilidade para crer e deixarem-se induzir, e certos dons volitivos, para resistirem às práticas monótonas e exaustivas, ensinamentos e execução do ritual espiritista. Os doentes que tenham uma psicose manifesta ou latente deixam-se identificar como tais, e não levam a termo o *desenvolvimento*; todavia, o seu delírio toma o colorido e a linguagem ou gíria espiritista do candomblé ou macumba.

3.º Que pensa V. S. da prática popularizada de Centros Espíritas com a supra-indicada e prescrita finalidade? Resposta: Acho que ela é nociva e propicia a eclosão de distúrbios psíquicos latentes, e favorece diversos tipos de contravenções, de contágios mentais, infecções, e solapa a verdadeira fé religiosa.

4.º Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator de loucura e de outras perturbações patológicas e nervosas? Resposta: As respostas e comentários já feitos traduzem o que penso do espiritismo, como expressão da patologia social.

5.º E' conveniente ou até urgente uma medida pública de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas, como nocivos à Saúde Pública? Resposta: Sim, esta medida deverá ser precedida de esclarecimentos ao público, em geral, através dos meios ou veículos ordinários, — imprensa, rádio, televisão, cinema, — e neste sentido deveriam convergir as igrejas ou seitas admitidas pela nossa tradição, no sentido de ensinar, acolher e assistir aos sofredores; em última análise, buscam o espiritismo os que não souberam encontrar a fé, o conforto e o consolo em religiões comuns ao nosso povo. Sem esse esclarecimento, toda profilaxia policial e sanitária contra a proliferação dos centros espíritas seria arguida de anti-democrática e contrária à Constituição, que garante a liberdade de cultos.

E' o que me ocorre dizer sobre o assunto, e pode V. S. fazer uso da resposta, como julgar conveniente.

Cordialmente
(ass.) Prof. J. Alves Garcia.

Dr. José Leme Lopes:

20 de Fevereiro de 1954.

Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Caixa Postal 23
Petrópolis — R.J.

Em resposta à circular de V. Rma., recebida este mês, venho trazer-lhe meu depoimento ao inquérito nela promovido.

Eu me permitirei fugir aos itens formulados e expor minha experiência no que tange ao espiritismo e suas relações com as doenças mentais numa forma concisa.

Parece-me poder formular as seguintes conclusões:

1) A frequência às sessões espíritas se encontra amiúde entre os fatores predisponentes e desencadeantes das psicoses e das reações psicopatológicas.

2) Sem dúvida o exercício das denominadas faculdades mediúnicas é o principal responsável pela transformação psicológica, que prepara, facilita e faz explodir alguns quadros mentais.

3) A prática pública de sessões espíritas, com manifestações ditas mediúnicas, exerce sobre a maior parte dos assistentes uma intensa tensão emocional e nos predispostos (psicopatas, neuróticos, fronteiros, desajustados da afetividade) é a oportunidade de desencadeamento de reações que os levam ao pleno terreno patológico.

4) Do ponto de vista de salvaguarda da saúde mental da coletividade, as sessões públicas de mediunidade deveriam ser interditas.

As consequências psicopatológicas da prática do espiritismo são muito mais complexas e não podem ser condensadas numa pequena sùmula. Elas merecem ser objeto de uma ampla investigação, levando em conta as diferenças de doutrina e cerimonial. Só em face dessa pesquisa de psicopatologia social poderemos alcançar dados concretos a permitirem avaliar a extensão e a gravidade do problema, bem como traçar as normas para profilaxia de seus efeitos.

Com votos de feliz êxito em seu inquérito, cumprimento-o respeitosamente

(ass.) *Dr. José Leme Lopes.*

Dr. Luís Robalinho Cavalcanti:

Mui Rvdo.

Frei Dr. Boaventura Kloppenburg, O.F.M.

Em resposta à vossa carta circular de 25-10-1953, tenho a responder:

1.º Não é aconselhável promover o desenvolvimento das faculdades mediúnicas, desde que se trata de fenômenos psico-patológicos prejudiciais ao indivíduo.

2.º O médium, deve ser considerado como uma personalidade anormal, predisposto a enfermidades mentais, ou já portador de psicopatias crônicas ou em evolução.

3.º Prejudiciais à saúde mental da coletividade, retardando o tratamento dos pacientes, que muitas vezes chegam às mãos do médico com enfermidade já cronicada.

4.º Põem em evidência enfermidades mentais pré-existent e desencadeiam reações psico-patológicas em predispostos.

5.º São convenientes medidas que visem evitar a prática de atividades médicas e terapêuticas por se tratar de contração, proibida pelas leis sanitárias, que só reconhecem ao médico com diploma devidamente registrado nos órgãos competentes, o direito de tratar pessoas doentes.

(ass.) *Dr. Luis Robalinho Cavalcanti.*

Dr. Deúsdedit Araújo:

Frei Boaventura Kloppenburg.

Em resposta à circular de V. S., de 25-10-1953, tenho a responder o seguinte:

Ao primeiro quesito: não;

Ao segundo quesito: não;

Ao terceiro quesito: desaconselhável e prejudicial.

Ao quarto quesito: Uma causa frequente de perturbações psicológicas.

Ao quinto quesito: Sim. Considero a prática do Espiritismo um grave problema social no Brasil.

Atenciosamente

(ass.) *Dr. Deúsdedit Araújo.*

Dr. Francisco Franco:

Ao 1.º Desaconselhável porque é danoso para o seu organismo, o médium torna-se um neurastênico, autômato, visionário, abúlico, antecâmara à esquizofrenia, um indivíduo perigoso para si e a sociedade.

Ao 2.º Nunca pode ser normal pelas razões expostas acima.

Ao 3.º O espiritismo é uma farsa, portanto nula sua finalidade.

Ao 4.º O espiritismo está colocado em primeiro lugar agindo sobretudo nas mentalidade fracas e particularmente nos sugestionáveis.

Ao 5.º Urgentíssima, pois o espiritismo é o maior fator produtor de insanos que perambulam pelas ruas enquanto grande percentagem enchem os manicômios, casas de saúde; segundo a opinião de abalizados psiquiatras: Austregesilo, Juliano Moreira, Franco da Rocha, Pacheco e Silva, etc. etc.

(ass.) *Dr. Francisco Franco.*

Dr. Floriano Peixoto de Azevedo:

1) Não.

2) E' possível haver médium normal, no sentido de que o individuo instruído na doutrina e prática do Espiritismo atribua a causas extraordinárias fenômenos por ele normalmente percebidos. O chamado médium desenvolvido, na minha opinião, já é um insano.

3) Nociva.

4) Não acredito que o Espiritismo, por si só, gere a loucura; mas penso que favorece muito a aparecimento de condições mórbidas latentes, bem como dá um colorido especial aos doentes mentais que se submetam a estas práticas.

5) Sim, enquanto se tem em vista coibir os excessos nocivos.

Dr. Oswald Morais Andrade:

1) Não.

2) Não.

3) E' prejudicial, principalmente nos meios incultos.

4) E' tese assente em Psiquiatria que o Espiritismo pode agir como fator desencadeante de distúrbios mentais em indivíduos predispostos.

5) Aprovo uma campanha de esclarecimento da população contra a prática mediúnica.

A importância do assunto e a gravidade da denúncia exigem prudência na formulação e firmeza na base. Antes de formularmos nossas conclusões, que servirão de fundamento para declarar naturalmente ilícita e imoral a evocação dos espíritos, ajuntemos outros depoimentos de homens de ciência, competência e responsabilidade:

II

O Dr. João Teixeira Alvares publicou em seu livro *O Espiritismo* (Uberaba, 1914) nas pp. 122-125, vá-

rios pareceres de eminentes professores e psiquiatras, aos quais ele fizera estas duas perguntas:

1) Que idéia faz V. S. do Espiritismo como fator da loucura e outras perturbações nervosas?

2) O médium, principalmente o vidente, pode ser considerado um tipo normal?

Responderam:

Dr. Franco da Rocha:

Recebi sua carta e respondo aos seus quesitos:

1) A idéia que faço sobre o Espiritismo como causa da loucura, está expressa na pág. 32 do *Esboço de Psychiatria Forense*, que há anos publiquei.

2) O médium vidente, na minha opinião, não é um tipo normal, é quase sempre um desequilibrado. Devo dizer-lhe que eu, pelo menos, nunca vi um médium que fosse individuo normal. Pode ser que exista; eu, porém, não o vi ainda.

Do amigo obr. cro.

Franco da Rocha.

Nota: Na p. 32 do indicado livro escreveu o Dr. Franco da Rocha: "A propósito das reuniões espíritas, num trabalho recente escreveram Sollier e Boissier: "Em benefício da profilaxia seria de conveniência divulgar os acidentes causados pela frequência às sessões espíritas. Charcot, Forrel, Vigoroux, Henneberg e outros publicaram exemplos de pessoas, sobretudo moças, anteriormente sãs, que se tornaram histéreo-epilépticas, em consequência de terem tomado parte nas cenas de evocação dos espíritos. E' o resultado forçado destas práticas que constitui um preparo intensivo de automatismo, um exercício metódico para o desdobramento e desgregação da personalidade. Aqui fazem explodir ou agravam a nevrose, acolá despertam e sistematizam a tendência à Vesânia, que uma vida regular e bem dirigida teria abafado. Tais são os perigos que devem ser conhecidos, mesmo dos que, sem outra convicção, nada mais vêem nesta operação que simples divertimentos de reuniões" (*Arch. de Neurol.* 1914. Veja-se n. 103).

Dr. Juliano Moreira:

Quanto aos quesitos que formulou, respondo:

1) Tenho visto muitos casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente despertadas por sessões espíritas. No Hospital Nacional, não raro, vêm ter tais casos.

2) Até hoje ainda não tive a fortuna de ver um médium, principalmente os chamados videntes, que não fosse nevropata.

Julgando assim responder aos seus quesitos, aqui continuo ao seu dispor.

Colega e amigo

Juliano Moreira.

Dr. Joaquim Dutra:

No estudo aprofundado da etiologia das moléstias mentais verifica-se, na grande maioria dos casos, que a moléstia é devida, não a uma causa única e específica, mas a uma série de condições especiais, que preparam o terreno e, por uma ação conjunta, determinam a explosão da moléstia.

As práticas religiosas exageradas, despertando sempre grande emotividade, traduzem de per si um estado mental originariamente defeituoso, e assim é que esses exageros manifestam-se comumente entre os indivíduos de espírito pusilânime, de espírito fraco. São muitas vezes síndromas mórbidos, de sorte que uma observação menos detida ou superficial pode dar lugar a que se tome o efeito pela causa e vice-versa.

As práticas espíritas estão incluídas, e com certa proeminência, entre essas causas e efeitos, influndo diretamente, pelas perturbações emotivas, com um coeficiente avolumado para a população dos manicômios.

Exageradas, até se tornarem preocupação dominante, elas preparam a loucura, quando não são mesmo uma denúncia da sua existência.

Por impressionáveis, tais práticas concorrem para a alucinação, determinando emoções que acarretam perturbações vaso-motoras ou que provocam concentração psíquica, estados de abstração, perturbações graves nas funções vegetativas, alterações nas secreções internas, redundando tudo em auto-intoxicação, etc.

Deixo, linhas acima, o meu pensar em resumidíssima síntese.

Saudações do

J. Dutra.

Dr. Homem de Mello:

Eis o que penso a respeito e com toda a lealdade respondo:

Ao 1.º quesito: Considero o Espiritismo, como o praticam, um grande fator de perturbações mentais e nervosas; atualmente o Espiritismo concorre com a herança, com a sífilis e com o álcool no fornecimento dos Hospícios e casas de saúde; acho tão forte o seu contingente que a Lei devia tolher-lhe a marcha.

Ao 2.º quesito: O médium é um tipo anormal, um degenerado; pouco importa que o seja *superior* (na classificação de Magaam) a vista de faculdades intelectuais que fascinam; mas, após minuciosa observação, encontramos essas faculdades eminentes em discordância com as faculdades morais, a par de uma completa desigualdade de caráter, que muito o destacam como um desequilibrado.

Colega admirador

Homem de Mello.

Prof. Dr. A. Austregésilo:

Em resposta a sua carta e aos seus quesitos acerca do Espiritismo tenho a dizer-lhe:

Ao 1.º O Espiritismo é no Rio de Janeiro uma das causas predisponentes mais comuns da loucura.

2.º Os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria.

O Espiritismo é uma nevrose provocada pela fácil autosugestibilidade, em que há predominância das alucinações psico-sensoriais, sendo, não raro, histeria ou um estado histeróide.

Fica ao seu dispor o colega atento e amigo

A. Austregésilo.

III

Em 1926 *O Jornal*, do Rio de Janeiro, promoveu um inquérito em forma de entrevistas. Nesta ocasião foram perguntados também dois eminentes Professores, que assim se exprimiram:

Dr. Henrique Roxo:

O Espiritismo é, pode-se dizer sem exagero, uma verdadeira fábrica de loucos. Entre os dementes que, diariamente, dão entrada no Hospício, grande parte — a maioria mesmo — vem de centros espíritas.

Compreende-se, porém, que eu não digo que o Espiritismo possa, sozinho, perturbar o cérebro de um indivíduo normal e são. Afirmando, todavia, graças à experiência que possuo, que ele é um agente provocador de delírios perigosíssimos, quando praticado, como o é vulgarmente, por pessoas de pouca cultura. É fácil imaginar, de resto, o efeito que deve ter num espírito já naturalmente fraco... É claro que esse efeito só é tão forte e decisivo nos indivíduos já predispostos; em todo caso, não me parece me-

nos claro, também, que, se esse estimulante indesejável não se fizesse sentir, talvez a demência, em tais indivíduos, jamais se manifestasse, ou então demoraria a se manifestar. O Espiritismo, portanto, é uma fábrica de loucos, sendo, desse modo, nefasto" (*O Jornal*, 12-3-1926).

Dr. Juliano Moreira:

Tem razão o Dr. Henrique Roxo quando diz que o Espiritismo por aí praticado é uma verdadeira fábrica de loucos. Realmente, é grande o número de doentes, procedentes de centros espíritas, que vão bater à porta do Hospício Nacional de Alienados.

E' claro, entretanto, que o Espiritismo não é, por si só, capaz de produzir a desordem num espírito são e equilibrado... A prática do Espiritismo, por conseguinte, está muito longe de ser inofensiva, conforme se apregoa geralmente" (*O Jornal*, 25-3-1926).

IV

A Sociedade de Medicina e Cirurgia, do Rio de Janeiro, por iniciativa de Leonídio Ribeiro promoveu, porém, o mais autorizado inquérito e que foi publicado no livro *O Espiritismo no Brasil*, contribuição ao seu estudo clínico-legal, Ed. Nacional, 1931. Reproduzimos aqui apenas as respostas dadas a estas duas perguntas:

3.º A prática do Espiritismo pode trazer danos à saúde mental do indivíduo?

4.º O exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta perigos para a saúde pública?

Arquivemos as respostas:

Dr. Antônio Austregésilo, catedrático de clinica neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º Sim. Estou convencido que as práticas espíritas têm produzido em predispostos verdadeiras psicoses e agravado muitos estados mentais já iniciados por pequenos distúrbios psíquicos.

4.º Sim. Os prejuízos são resultantes dos erros por omissão ou comissão, não só atinentes aos indivíduos como à coletividade.

Dr. Henrique Roxo, catedrático da clínica psiquiátrica da mesma Faculdade:

3.º O número de alienados, em que as perturbações mentais surgiram em consequência de frequências de práticas espíritas não tem diminuído, e sim, pelo contrário, aumentado.

4.º Finalmente, ao último quesito respondo: o exercício da arte de curar pelo Espiritismo acarreta prejuízos para a Saúde Pública.

Dr. Espozel, substituto de clínica psiquiátrica e neurológica da mesma Faculdade:

3.º A influência da prática do Espiritismo na produção de distúrbios mentais é incontestável; basta uma pequena vida clínica na especialidade para se ter ocasião de observar numerosos casos, em que as perturbações psíquicas giram em torno dos fatos ocorridos nas sessões espíritas. Tenho trabalhado no Hospício de Alienados durante mais de 15 anos, como interno, assistente e alienista, nas casas de saúde, numa das quais, o Sanatório de Botafogo, tenho um pavilhão a meu cargo, e na clínica privada, tenho observado muitos casos de influência maléfica da prática espírita. É certo que os pacientes são muitas vezes débeis mentais, tarados, predispostos; fora essa condição de terreno, nenhuma outra causa, porém, se poderia invocar. Em outros pacientes nem mesmo o terreno era acentuadamente fértil para que vicejasse herva tão daninha. Compreende-se a força sugestiva, a impressão que sobre certas pessoas exerce a prática tão propícia a dar motivo a que o cérebro trabalhe iterativamente, rumine umas tantas idéias de um ocultismo misterioso, ou de ocorrências sobrenaturais. Daí para a loucura é um passo. Manifestações histéricas, alucinações da vista, do ouvido e mesmo da sensibilidade geral, delírios polimorfos, sistematizados ou não, delírios episódicos, e outros estados de excitação e às vezes de agitação fortíssima, tudo pode ser despertado sob a influência de impressões da natureza da que estamos aludindo.

Outras vezes uma doença definida toma um colorido particular que lhe dá a influência da prática espírita, em torno de cujos fatos se constituem as idéias delirantes ou as perturbações alucinatórias e outras. Conheço pessoas que, de boa fé, procuram estudar ou acreditam nesses fenômenos. Preciso é que elas se precavenham contra a forte influência sugestiva ou contra os *trucs*...

Assim sendo, repito, considero a prática espírita possível de produzir desarranjos mentais, maximé nas pessoas predispostas, as quais devem evitá-la por perigosa.

4.º Incontestavelmente.

Prof. Tanner de Abreu, catedrático de medicina legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º Sim. Basta compulsar os registros de nosso Hospital Nacional de Psicopatas, para ter a segurança de que não raro figura como elemento etiológico das doenças mentais a prática do Espiritismo pela comparência às respectivas sessões.

4.º Sim. A esse respeito convém lembrar a omissão do tratamento conveniente, e o não cumprimento da disposição regulamentar, que impõe o dever de notificação compulsória de determinadas doenças transmissíveis.

Prof. Júlio Porto Carrero, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Universidade do Rio:

3.º Assim, Espiritismo e neurose têm o mesmo caminho e encontram-se, é bem de ver, ora no começo, ora no fim do trajeto. Os hospitais de psicopatas estão repletos desses casos; e em semiótica psiquiátrica é de regra, hoje, a pesquisa de antecedentes espiríticos.

4.º Os prejuízos que o Espiritismo traz à Saúde Pública são evidentes. Primeiro, metem-se os espiritas a curandeiros, criando ambulatórios e hospitais, onde tratam os psicopatas a pancadas (vejam-se as publicações do próprio "Centro Redentor"), e onde medicam pela homeopatia, — terapêutica nem sempre inócua. Com isso, prejudicam ao doente, agindo sem conhecimento da causa, com medicação insuficiente ou contra-indicada, e cultivando a tendência perniciosa para o maravilhoso.

Prof. João Fróes, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Baía:

3.º Certamente a prática do Espiritismo pode trazer e tem produzido danos à saúde mental dos adeptos e frequentadores de sessões chamadas espiritistas.

4.º Não há possível dúvida em afirmar que o exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta prejuízos à Saúde Pública.

Prof. Carlos Seidl, catedrático de medicina pública da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro:

Friso, entretanto, que opino serem condenáveis as práticas que se realizam nas sessões espiritas, com pretensos fins terapêuticos, e as feitas para as chamadas evocações. A minha qualidade de católico não admite estas; e os meus estudos médicos desaconselham aquelas.

Prof. Raul Leitão da Cunha, catedrático de anatomia patológica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio:

3.º Sim, e tão grandes, a meu ver, que julgo indispensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem esse caso.

4.º Inquestionavelmente, pois o caráter misterioso, que tem esse exercício, dificulta a aplicação das medidas profiláticas, facultando o entretenimento das endêmias e a difusão das epidemias.

Dr. Franco da Rocha, ex-diretor do Hospício do Juqueri, São Paulo:

3.º No indivíduo normal, equilibrado, tais práticas não produzem dano. Aos desequilibrados, nas classes de mentalidade inferior, pode trazer dano, pois que não sabem interpretar as coisas como as pessoas equilibradas e as de mentalidade superior... A prática do Espiritismo, entre gente de baixa mentalidade, é realmente um grande mal.

4.º Acho que sim, como em geral a prática do curandeirismo, quer seja espírita quer não... Vi muitos doentes mentais, cuja afecção explodiu logo depois das práticas do Espiritismo. Mas não se deve atribuir exclusivamente ao Espiritismo o mal que se tem observado.

Dr. Pacheco e Silva, diretor do Hospício de Juqueri, São Paulo:

3.º Sim. Acredito que o Espiritismo exerça influência sobre a saúde mental do indivíduo. Esta é também a opinião do meu eminente mestre e antecessor, Franco da Rocha, que, a respeito, escreveu vários trabalhos.

4.º No meu entender, é uma prática perniciosíssima, que deverá ser combatida a todo transe, por isso que, sobre prejudicar a Saúde Pública, contribui para a ruína de muitos lares e dá margem a explorações as mais ignóbeis.

Dr. Pernambuco Filho, docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

3.º E' evidente. Todos aqueles que se dedicam ao estudo de doenças mentais, têm observado inúmeros casos de desordens psíquicas produzidas pela prática do Espiritismo. A atmosfera de mistério que cerca as práticas espíritas, a promessa aos fiéis tumulto e de visões sobrenaturais, etc., estabelecem um ambiente favorável a despertar nos indivíduos predispostos e sugestionáveis a eclosão de distúrbios mentais, verdadeiros episódios delirantes, acompanhados de perturbações psíquo-sensoriais. Além disto, convém ainda ponderar que na mór parte das vezes os indivíduos

procuram o Espiritismo a fim de ou se pôr em contacto com um ente desaparecido e de cuja morte ainda não se consolaram ou para buscar alívio sobrenatural para doença rebelde ou incurável. Assim sendo, é lógico que estas pessoas abaladas na afetividade e no sentimento, estejam em estado de hiper-emotividade, em condições, portanto, de meio-pragia psíquica, e propensas a aceitar sem análise, como verdade, os fenômenos proclamados como de natureza espírita. Sob o ponto de vista psiquiátrico, há ainda a acrescentar os indivíduos que já nos primórdios de afecção mental, agravam as suas manifestações ou mudam o feitio do seu delírio, com a frequência das sessões espíritas.

4.º Sim. Os prejuízos vem não só da deficiência ou erro de tratamento, como também pela falta de notificação de doenças contagiosas, o que, sob o ponto de vista profilático, é um grande mal.

Dr. Miguel Osório de Almeida, professor da Faculdade de Medicina:

A intervenção do Espiritismo no tratamento de qualquer nevrose é sempre prejudicial... O espiritismo é, pode-se dizer sem exagero, uma verdadeira fábrica de loucos. Entre os dementes que diariamente dão entrada no Hospício, a maioria vem dos centros espíritas.

V

O Prof. Afrânio Peixoto, no prefácio do mencionado livro do Dr. Leonídio Ribeiro, dá o seu depoimento pessoal nas seguintes palavras:

Este livro vale por uma boa ação. Com efeito, é pertinente e oportuna uma lição médica sobre os prejuízos do Espiritismo, ou do que tem este nome entre nós. Digo entre nós porque não tenho experiência de outras terras.

O Espiritismo é a interpretação sistemática e sobrenatural de fatos naturais uns, outros fraudulentos, fraude subconsciente e, portanto, inconsciente às vezes, outras perfeitamente consciente, mais ou menos hábil, capaz de imbuir aos estudiosos mais prevenidos. Nos médiuns sinceros há realidade e fraude subconsciente, pois que a mediunidade é uma auto-hipnotização, sob as tendências crenças da vigília. Nos grandes médiuns celebrados, por exemplo Eusábia Paladino, há "sinceridade", subconsciente, e há esper-teza, consciente, visando atrair para a causa, de que são convictos, grandes observadores e experimentadores, como os Lombroso e os Richet.

O baixo espiritismo tem apenas, por diferença, as gradações da cultura e da moralidade. Tive de travar conhecimento com ele, exatamente em um caso de atentado ao pudor, que os autores deste livro me desvaneceram em referir. Depois, assisti, por curiosidade científica, a sessões espíritas em vários meios sociais. O mesmo fundo, a mesma metodologia, os mesmos resultados, apenas variações da grosseria e das maneiras, indo de um lado até o crime, do outro lado até as paródias, "a la manière de...", de Vítor Hugo ou de Castro Alves, e às sublimações ideológicas em que a utopia evolucionista sideral se mistura à doutrina cristã, quase ortodoxa.

Fiéis ou curiosos se reúnem sob silêncio e respeito, com algum ou alguns médiuns já experimentados, e um diretor de cena, que exorta à contrição (*fixação da atenção*); depois ordena que pensem em Deus e nos "espíritos" (*monoideação*), convidando aos de má fé a se retirarem sob pena de punições espirituais (*sugestão, coação moral*). Vem então longa prédica, insistida, sobre os lugares comuns da moral e da crença, mais ou menos culto discurso, conforme o meio social, mas sempre longo, e, por fim, fastidioso (*fadiga da atenção*). Finalmente, invocação dos "espíritos", ponto de partida para uma sugestão coletiva, que produz efeito imediato nos médiuns, e, não raro, suscita novos médiuns, na assistência. Uns gesticulam, outros cantam, choram, tomam atitudes plásticas e, não raro, os mais suscetíveis entram em convulsões (*histeria*). Desses médiuns obtém-se respostas, conselhos, revelações, receitas homeopáticas, pensamentos de homens notáveis e até poesias ao jeito ou no estilo de grandes poetas. Tive em mãos todo um volume de "Castro Alves": a morte o tornara decadente; era o poeta sim, muitas oitavas abaixo do seu gênio... Os melhores médiuns o mais que conseguem são os tons parecidos, porém inferiores: sub-grandes homens, quando tornados puros espíritos...

De minha observação concluí que os centros espíritas do Rio de Janeiro eram laboratórios de histeria coletiva que, se deleitam crédulos e crentes com a suposta evidência das belas sessões, podem ir ao crime, no baixo espiritismo popular. Ao crime, e ao hospício, outras vezes. Também tenho experiência de alienista.

Ora, o poder público não pode ser indiferente à ruína nervosa, senão à alienação daqueles sobre os quais lhe é missão velar, os inocentes, incautos, crédulos, que desses espetáculos e dessas sugestões podem ser vítimas. Fraudar e imbar na economia, no alimento corporal, nos bens temporais, é crime, para o qual há a punição, e mais, há a polícia preventiva. Porque não proteger a saúde espiritual, a segurança e a tranquilidade da mente, que pode ser vítima dessas abusões?

O Dr. Xavier de Oliveira, docente de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro e médico do Hospital Nacional de Psicopatas, que observou mais de dezoito mil loucos no Pavilhão de Assistência a Psicopatas, publicou um livro com o título de *Espiritismo e Loucura*, contribuição ao estudo do fator religioso em Psiquiatria (Rio 1931). Respiremos apenas algumas observações e conclusões do autor:

Na p. 15, falando da proporção que agora cabe ao Espiritismo "como fator mediato de alienação mental de feição puramente religiosa", diz que "é, de muito, muitíssimo, cem vezes, mil vezes superior à de todas as outras seitas reunidas, e, atualmente, praticadas em todo o mundo".

Na p. 19 s. resume seus estudos: "Numa estatística de doze anos, de 1917 a 1928 por nós levantada no Pavilhão de Observações, registramos em 18.281 insanos entrados, 1.723 portadores de psicopatologias provocadas, *exclusivamente*, pela prática do Espiritismo, em indivíduos meoprágicos do sistema nervoso. É dizer que, no correr desse tempo, o Espiritismo concorreu, ali, com uma proporção de 9,4% no total das entradas. De onde se vê que, depois da sífilis e do álcool, é o Espiritismo, nesta atualidade, o maior fator de alienação mental entre nós". Chamamos a atenção para o "exclusivamente", por nós grifado. No texto paralelo da p. 197 o autor diz que estas pessoas enlouqueceram "só e exclusivamente pelo Espiritismo".

Por isso, como ele revela na p. 193, "no Pavilhão de Observações da Assistência a Psicopatas, como em todas as secções do velho hospital da Praia da Saudade, uma nova pergunta foi, naturalmente, introduzida no questionário da anamnese que ali se faz, quotidianamente, dos enfermos entrados:

— Qual o "Centro Espírita" que frequenta?...

Em cerca de 90% dos casos a resposta é afirmativa".

Na p. 21 o autor denomina este "delírio espírita" de *Espiritopatia*, palavra que ele vai definir na p. 202 da seguinte maneira: "Espiritopatia é um síndrome mental de forma delirante, com motivos espíritas, que se observa, geralmente, enxertado em indivíduos tarados do sistema nervoso, nomeadamente, da classe dos histeróides, esquizóides, ou, antes dos histéreo-esquizóides, e que se dão ao estudo, à crença ou à prática do Espiritismo".

p. 203 continua: "Em sua última roupagem, a espiritopatia apresenta-se, comumente, sob a forma de um delírio

agudo, termo final de uma evolução que começa pela *Espiritolatria* (afetividade positiva, a procura, a busca, o anseio pelo espírito desencarnado), vai à *Espiritofobia* (o receio, o medo, a fuga do espírito reencarnado), e chega à *Espiritomania* (o desabafo na doença, súcubo vencido pelo incubo, atuado, perseguido, dominado pela força de uma sugestão insopitável)”.

Gravíssima acusação faz o autor na p. 211 s. contra *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec: “O livro dos médiuns de Allan Kardec é a cocaina dos debilitados nervosos que se dão à prática do Espiritismo. E com uma agravante a mais: é barato, está ao alcance de todos, e, por isso mesmo, leva mais gente, muito mais, aos hospícios, do que a “poeira do diabo”, a “coca maravilhosa”, que há tanto tempo vem preocupando a ciência, a polícia, e, até, a Liga das Nações. E’ o tóxico com que se envenenam, todos os dias, os débeis mentais, futuros hóspedes dos asilos de insanos. Lêem-no, assimilam-no, incluem a essência diabólica de que é composto, caldeiam os conhecimentos nele adquiridos nas sessões espíritas, e com o delírio mediúnico que, geralmente, vêm a entreter esses tarados. só têm dois caminhos a seguir: ou mais um médium convicto e convincente ganham as macumbas do Rio, ou mais um psicopata ganham os manicômios desta Capital”.

VII

No *Manual de Psiquiatria* o Dr. Henrique de Brito Belford Roxo (“Professor catedrático da Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Diretor do Instituto de Psicopatologia da Assistência a Alienados, etc.”), 3ª ed., pp. 741-757, sob o expressivo título “Delírio Espírita Episódico”, estuda os maus efeitos da prática da evocação dos espíritos entre nós. Transcreveremos a seguir as passagens principais:

Delírio espírita episódico é o nome que dou a uma modalidade clínica de doença mental que se encontra com relativa frequência nos asilos de alienados... E’ uma modalidade dos estados atípicos de degeneração (personalidades psicopáticas)... Como delírio episódico entendo uma doença mental que se caracteriza por um delírio que surge de repente em consequência de um choque emotivo, o qual se fundamenta em alucinação e é pouco duradouro, tendo, no entanto, a capacidade de se repetir com relativa facilidade

Comumente se desenvolve pela frequência de sessões de Espiritismo... E’ o Espiritismo de pessoas sem ins-

trução que acreditam facilmente em coisas absurdas. São pessoas que têm algum sofrimento físico ou moral e que em vez de procurarem a cura por meio de um médico ou de um sacerdote, vão procurar a sessão de Espiritismo para a cura de seus males. Há muitos casos no Rio de Janeiro e em todo o resto do Brasil.

Em geral trata-se de um homem astucioso que explora os pobres crentes. Há um intermediário, é o *médium*, frequentemente uma histérica ou alguma psicopata. Ele procura convencer aquela pessoa que a ele recorre de que o sofrimento que ela tem, é o efeito da ação de uma pessoa já falecida, transformada em *espírito* que se introduziu no corpo do doente que o possui e o tortura.

Outras vezes o espírito se coloca ao lado do doente, dá-lhe aquilo que na linguagem deles se chama um *encosto*.

Demonstra ao que vai procurar seu tratamento, que seus sofrimentos não dependem de doenças dos órgãos, mas unicamente desta influência estranha e nociva.

O pseudo-curador diz que o paciente aborreceu uma pessoa já morta que se vingava, tomando conta dele e o martirizando.

As sessões são muito frequentadas. Muitas pessoas se reúnem em uma sala pequena. O *médium* fica no meio. O chefe, ao lado do *médium*. Aquele sugestiona este e lhe diz que invoque um espírito conhecido. O *médium* se põe a tremer, solta grandes gritos, salta, agita-se muito...

Neste momento são interrogados os consulentes e cada qual diz seu sofrimento físico ou moral. Coisa interessante é que o espírito só receita remédios de homeopatia, o que contraria muito os médicos homeopatas. Os medicamentos devem ser comprados numa farmácia sempre a mesma, que paga ao pseudo-curador, além do que ele recebe do consulente.

Muitas vezes é uma causa moral e procura-se um bom espírito que possa destruir o mau espírito. Há tratamentos mais ou menos caros. Depende o preço do esforço para retirar o mau espírito.

As sessões finalizam sempre com crises de nervos e um estado geral de excitação mais ou menos intenso.

Quando o doente chega de volta à casa, vem muito impressionado. Pensa muito no que viu. Mais tarde, principalmente no meio da noite, começa a ouvir vozes de pessoas mortas que lhe dirigem muitos insultos e ameaças. Sente distúrbios da cenestesia, isto é, distúrbios da sensibilidade interna que lhe dão a convicção de ter sido atuado pelos espíritos.

Não pode mais dormir. Fica com um medo extraordinário. Sua agitação fá-lo soltar grandes gritos e fazer grandes movimentos. Há sempre alucinações do ouvido e da cenestesia.

O delírio depende diretamente das alucinações e estas aparecem de repente, depois da visita à sessão de Espiritismo. É evidente que há pessoas que visitam as casas de Espiritismo e que não ficam loucas. Há sempre uma questão de meiopraxia. Mas aquilo que se encontra muitas vezes, é a impressionabilidade e o delírio. Uma coisa a discutir é se estas pessoas já não eram doentes mentais antes da sessão. Não, absolutamente. Não apresentavam antes qualquer perturbação mental. Há certamente delírios episódicos que não têm como causa o Espiritismo. Mas no nosso povo este motivo é muitíssimo comum como causa do delírio (741-743).

Algumas vezes há uma questão de contágio mental e numa casa muitas pessoas passam o delírio de uma para outra.

No delírio episódico há principalmente alucinações do ouvido e da cinesesia. O indivíduo que frequentou sessão espírita, por exemplo, já receioso e assustado, começa de repente a ouvir e sentir coisas estranhas.

Desde logo ele acredita na realidade do fato alucinatório. Fica inteiramente dominado por ele.

Como são coisas que apavoram, torna-se-lhe impossível manter a tranquilidade. O delírio mantém-se mais ou menos encadeado. Pode haver alucinações da vista, do olfato, do gosto, mas isto não é muito comum.

Na quase unanimidade dos casos há muitas alucinações do ouvido e da cinesesia e apenas estas.

A lucidez mental em relação a tudo mais é quase sempre normal; no entanto, algumas vezes associa-se um estado confusional, mais ou menos acentuado. Quando se consegue afastar o doente do campo de suas alucinações, ele responde certo às perguntas que se lhe façam. O estado alucinatório que domina o doente, impede que ele durma bem e influi poderosamente no seu estado emófico...

Discute-se se a pessoa que ficou alienada pelo Espiritismo, já não era antes uma doente mental. Argumenta-se com o fato de haver muita gente que frequenta sessão espírita e não fica alienada. Há evidentemente um estado de meiopraxia mental que faz com que o indivíduo seja muito impressionável e delire com facilidade. Muito comumente, a não ser este estado meiprágico, nada houve anteriormente. Raramente o indivíduo era alienado antes do Espiritismo (744 s).

VIII

O Dr. A.C. Pacheco e Silva, que, como Diretor do grande hospital de alienados em Juqueri (SP), teve larga oportunidade de estudar as consequências da prática

da evocação dos espíritos, publicou em suas *Palavras de Psiquiatra* (São Paulo 1950) nas pp. 147 ss, um interessante capítulo sobre "A higiene mental e o Espiritismo".

Transladamos para estas páginas a primeira parte deste capítulo:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do Espiritismo se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um sem número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema.

Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espiritas, atraindo um número imenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no Espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para a realização de aspirações afetivas, para salvar uniões ameaçadas, para restituir a saúde a doentes incuráveis e ainda para reverentes queridos já mortos.

Não se diga que o fenômeno é essencialmente brasileiro, pois que em todos os países do mundo se têm registrado idênticas manifestações, mas o que se não pode negar é que, entre nós, a tolerância dos nossos códigos, a benevolência das nossas autoridades e a existência de uma massa considerável de iletrados são fatores os quais, indiscutivelmente, contribuem para incrementar a difusão do Espiritismo.

O que mais surpreende é o fato de pessoas de certa categoria social, de instrução secundária e até superior, participarem dessas atividades perniciosas e condenáveis.

Em São Paulo, por exemplo, há bem pouco tempo o surto espirita atingiu um desenvolvimento jamais anteriormente alcançado, tolerado e até incentivado por pessoas às quais assistia o dever de impedir tais atividades e proteger o público ignorante contra semelhantes atentados à saúde psíquica.

Já de longa data vêm os psiquiatras brasileiros, preocupados com o aumento das psicopatias entre nós, e capacitados de que o Espiritismo representa papel preponderante na gênese das doenças mentais ocorridas em nosso meio, procurando esclarecer o público, demonstrando os perigos a que se expõem todos aqueles que frequentam sessões espiritas, sobretudo quando possuidores de certa meiotragia nervosa.

Se em numerosos casos os distúrbios mentais decorrem de fatores mecânicos, tóxicos e infecciosos, não é me-

nos verdadeira a influência dos chamados fatores psicogênicos, que agem particularmente sobre os indivíduos portadores de constituição hiperemotiva, de sistema nervoso vulnerável, que se deixam facilmente suggestionar.

Já o professor Franco da Rocha, ao assumir a direção do velho hospício de São Paulo, em fins do século passado, surpreendeu-se com o grande número de doentes que eram internados no hospital por ele dirigido, cujas primeiras desordens mentais coincidiram com a frequência a sessões espíritas. A esse respeito, o antigo diretor do Hospital de Juqueri, em publicações periódicas, esclareceu o público sobre os fatos por ele observados, pedindo providências às nossas autoridades.

Franco da Rocha, a propósito de um fato que teve então grande repercussão, ocorrido na cidade de Taubaté, escreveu: "Tratando-se de nevropatas, predispostos, reunidos em uma sala a meia claridade, tudo em silêncio, num estado emocional intenso, não há que admirar nas consequências. O estado de emoção, a excitação geral e as modificações circulatórias provocam, principalmente nas mulheres, os ataques histéricos, e as desordens vão mesmo além, à perda completa da razão, como aconteceu em Taubaté e tem acontecido em outros lugares.

Até mesmo um caso de morte foi há pouco observado no Rio de Janeiro e deu-se como morte por traumatismo psíquico. Não é isso linguagem figurada, como pode parecer, porque uma emoção violenta pode produzir o efeito de uma grande pancada; e a linguagem popular já consagrou um termo — sofrer um golpe — para os sofrimentos intensos de ordem moral".

Em regra, a observação dos psiquiatras demonstra que o espiritismo age sobretudo como concausa, agravando uma psicose já existente ou despertando o aparecimento de distúrbios mentais latentes numa pessoa dotada de constituição psicopática.

O professor Henrique Roxo, entretanto, criou uma entidade nosológica por ele denominada "delírio espírita episódico", que se encontra com relativa frequência nos hospitais psicopáticos do Rio de Janeiro. Segundo o eminente professor de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil, tal forma clínica surge após a frequência de sessões de baixo espiritismo, durante as quais o paciente fica extremamente impressionado com o estado de excitação psicomotora dos presentes, que não raro caem em crises convulsivas do tipo histérico. Suggestionado pelos quadros observados, o paciente entra a cogitar sobre a possibilidade de estar sob a ação do espírito de uma pessoa já morta e começa a perceber vários distúrbios da sensibilidade profunda, que um estado de grande emotividade ainda mais

agrava. Surgem depois alucinações de caráter auditivo e finalmente as idéias delirantes, sobretudo persecutórias. Tais delírios espíritas episódicos são muito mais comuns nas classes populares do que nos outros meios do Rio de Janeiro e seriam também mais frequentes no Brasil do que na Europa, o que se explicaria pelo grande número de doentes de raça negra, que revelam maior credulidade e mais fácil sugestibilidade.

A nossa observação pessoal tem demonstrado o fato de muitos doentes mentais ficarem privados de tratamento adequado e terem mesmo os seus distúrbios agravados em virtude do falso conceito das famílias no tocante às causas das doenças mentais. Não raro, quando um doente apresenta idéias delirantes ou tem propósitos disparatados é logo levado pelos parentes às sessões espíritas, com o objetivo de libertar o paciente do mau espírito que nele se encarnou, gerando os distúrbios apresentados.

No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem número de débeis mentais sugestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem ativamente.

Casos há, também, de indivíduos dotados de constituição hiperemotiva, esquisóide, histérica ou mitomaníaca, que, embora dessem anteriormente demonstrações de certa anormalidade na conduta, ainda se revelavam compatíveis com o meio social, os quais, após se entregarem ao espiritismo, se tornaram francamente alienados, exigindo imediata internação, em virtude do aparecimento de desordens sensoriais seguidas de atos mórbidos de grande perigosidade.

Outras vezes trata-se de um doente mental atacado de uma psicose orgânica, como por exemplo a paralisia geral, que é submetido ao chamado tratamento espírita por meio de passes e outras artimanhas. Só tempos depois, quando a moléstia já é irremediável, em virtude da sua marcha progressiva e rápida, é o paciente confiado aos cuidados do médico especialista, que já nada mais pode fazer.

2) Análise Sistemática da Documentação.

Os numerosos depoimentos que acabamos de apresentar e que constituem um verdadeiro Livro Negro da prática da evocação dos espíritos, embora cada um deles seja suficientemente claro em si, nos convidam a ressaltar alguns pontos de especial importância:

1) Existe impressionante unanimidade entre médicos psiquiatras, professores de psiquiatria, diretores de hospícios,

etc., em denunciar a prática da evocação dos espíritos como nociva, prejudicial, desaconselhável, perigosa, perniciosíssima, etc.

2) Há também unanimidade moral em ver na prática do Espiritismo um poderoso fator de loucuras. Neste sentido os depoimentos são realmente notáveis:

- é o maior fator produtor de insanos (F. Franco);
- é um grande fator de perturbações mentais e nervosas (H. de Mello);
- é uma das causas predisponentes mais comuns da loucura (A. Austregésilo);
- é uma verdadeira fábrica de loucos (H. Roxo, J. Moreira, M.O. de Almeida);
- é um agente provocador de delírios perigosíssimos (H. Roxo);
- as práticas espíritas avolumam proeminentemente a população dos manicômios (J. Dutra);
- é grande o número de doentes, procedentes dos centros espíritas, que vão bater à porta do Hospício Nacional de Alienados (J. Moreira);
- entre os dementes que diariamente dão entrada no hospício, a maioria vem dos centros espíritas (H. Roxo, M.O. de Almeida);
- os hospitais de psicopatas estão repletos desses casos (Porto Carrero).

3) Mas não há unanimidade na questão se a prática do Espiritismo apenas desencadeia distúrbios mentais já latentes e em indivíduos predispostos à loucura, ou se também deve ser considerada como fator que por si só é capaz de provocar reações psico-patológicas em indivíduos perfeitamente sãos. Nem todos se pronunciaram sobre esta questão. Mas todos concordam em dizer que a sessão espírita é a melhor oportunidade para desencadear enfermidades mentais latentes. Em favor da tese que afirma que o exercício da mediunidade não age apenas desfavoravelmente sobre os predispostos mas também sobre os sãos, não somente desencadeando mas também preparando loucuras, temos os seguintes pronunciamentos:

— J. Leme Lopes sustenta que “a frequência às sessões espíritas se encontra amiúde entre os fatores *predisponentes* e desencadeantes das psicoses e das reações psicopatológicas” e que “o exercício das faculdades mediúnicas *prepara*, facilita e faz explodir alguns quadros mentais”;

— Franco da Rocha endossa as observações de Charcot, Forel, Vigoroux, Henneberg e outros, “que publicaram exemplos de pessoas, sobretudo moças, *anteriormente sãs*, que se tornaram histéreo-epilépticas, em consequência de terem tomado parte nas cenas de evocação dos espíritos”;

— Juliano Moreira confessa que viu “casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente *despertadas* por sessões espíritas”;

— J. Dutra pensa que as práticas espíritas exageradas “*preparam* a loucura”;

— A. Austregésilo declara que o Espiritismo é “uma das causas *predisponentes* mais comuns da loucura”;

— Xavier de Oliveira garante que dos casos por ele estudados no Pavilhão de Assistência a Psicopatas, 1.723 pessoas enlouqueceram “*só e exclusivamente* pelo Espiritismo”.

— Henrique B. Roxo insiste: “Uma coisa a discutir é se estas pessoas já não eram doentes mentais antes da sessão. Não, absolutamente. Não apresentavam antes qualquer perturbação mental”. Depois repete: “Raramente o indivíduo era alienado antes do Espiritismo”.

4) Mas a prática do Espiritismo ou da evocação dos espíritos não é somente causa de loucuras e perturbações das faculdades mentais; os médicos denunciam outras consequências ainda:

— faz explodir e agravar a nevrose (Franco da Rocha);

— produz perturbações nervosas (Juliano Moreira);

— determina emoções que acarretam perturbações vaso-motoras (J. Dutra);

— provoca alterações nas secreções internas (J. Dutra);

— produz histeria e epilepsia (Franco da Rocha).

5) Não apenas os médiuns, também a assistência pode ser vítima de semelhantes males:

— A prática pública de sessões espíritas, com manifestações ditas mediúnicas, exerce sobre a maior parte

dos *assistentes* uma intensa tensão emocional e nos predispostos (psicopatas, neuróticos, fronteiriços, desajustados da afetividade) é a oportunidade de desencadeamento de reações que os levam ao pleno terreno patológico (Leme Lopes);

- a prática popularizada é prejudicial à saúde mental da *coletividade* (R. Cavalcanti), é nociva (P. de Azevedo), é prejudicial, principalmente nos meios incultos (M. Andrade);
- por impressionáveis, tais práticas públicas produzem alucinações (J. Dutra);
- a prática do Espiritismo tem produzido danos à saúde mental dos adeptos e *frequentadores* (J. Fróes);
- o Delírio Espírita Episódico comumente se desenvolve pela *frequência* de sessões de Espiritismo (H. Roxo);
- as sessões espíritas finalizam sempre com crises de nervos e um estado geral de excitação mais ou menos intenso (H. Roxo);
- algumas vezes há uma questão de *contágio* mental e numa casa muitas pessoas *passam o delírio de uma para outra* (H. Roxo);
- temos observado um sem número de débeis mentais apresentarem surtos delirantes após *presenciarem* sessões espíritas ou delas participarem ativamente (Pacheco e Silva).

6) Há unanimidade quase total em qualificar a pessoa do médium como tipo anormal, insano, neurótico, desequilibrado, degenerado, histérico, etc.:

- os médiuns são os neuróticos de certa classe, histéricos e obsessivos (A. Garcia);
- o médium deve ser considerado como uma personalidade anormal, predisposto a enfermidades mentais, ou já portador de psicopatias crônicas ou em evolução (R. Cavalcanti);
- o médium não pode ser considerado como tipo normal e são (D. Araújo, O.M. Andrade);
- o médium torna-se um neurastênico, autômato, visionário, abúlico (F. Franco);
- o médium nunca pode ser normal (F. Franco);

- o chamado médium desenvolvido já é um insano (P de Azevedo);
- nunca vi um médium que fosse indivíduo normal; é quase sempre um desequilibrado (Franco da Rocha);
- ainda não tive a ventura de ver um médium que não fosse nevropata (Juliano Moreira);
- o médium é um tipo anormal, um degenerado (H. de Mello);
- os médiuns devem ser considerados indivíduos nevropatas próximos da histeria (A. Austregésilo).

7) Com particular veemência é unânimemente condenado o desenvolvimento e o exercício das chamadas faculdades mediúnicas, pois esta prática:

- exalta qualidades patológicas latentes (J.A. Garcia);
- sugestiona as pessoas simples (J.A. Garcia);
- em doentes mentais precipita a psicose e dá colorido especial aos delírios (J.A. Garcia);
- é causa frequente de perturbações psicológicas (D. Araújo);
- retarda o tratamento dos pacientes (R. Cavalcanti);
- põe em evidência enfermidades mentais pré-existentes (R. Cavalcanti);
- é o principal responsável pela transformação psicológica que prepara, facilita e faz explodir alguns quadros mentais (Leme Lopes);
- exerce sobre a maior parte dos assistentes uma tensão emocional (Leme Lopes);
- age como fator desencadeante de distúrbios mentais em indivíduos predispostos (M. Andrade);
- é danoso para o organismo do médium (F. Franco);
- produz personalidades histéreo-epilépticas (Franco da Rocha);
- prepara o automatismo (Franco da Rocha);
- produz perturbações nervosas e mentais (Juliano Moreira);
- concorre para a alucinação (J. Dutra);
- determina emoções que acarretam perturbações vaso-motoras (J. Dutra);

- provoca concentração psíquica e estados de abstracção (J. Dutra);
- perturba as funções vegetativas (J. Dutra);
- altera as secreções internas (J. Dutra);
- predispõe para a loucura (A. Austregésilo);
- provoca delírios perigosíssimos (A. Roxo);
- agrava muitos estados mentais já iniciados por pequenos distúrbios psíquicos (A. Austregésilo).

8) Todos são unânimes também em declarar que o exercício abusivo da arte de curar pelo Espiritismo acarreta perigos para a Saúde Pública.

9) Em vista de tudo isso reclamam ou apoiam medidas públicas de profilaxia contra a proliferação de Centros Espíritas como nocivos à Saúde Pública:

- considero a prática do Espiritismo um grave problema social no Brasil (D. Araújo);
- as sessões públicas de mediunidade deveriam ser interditas (Leme Lopes);
- os excessos nocivos deveriam ser coibidos (P. Azevedo);
- é urgentíssima uma medida pública neste sentido (F. Franco);
- a lei devia tolher-lhe a marcha (H. de Mello);
- os prejuízos que o Espiritismo traz à Saúde Pública são evidentes (Porto Carrero);
- julgo indispensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem esse caso (L. da Cunha);
- é uma prática perniciosíssima, que deveria ser combatida a todo transe, por isso que, sobre prejudicial à Saúde Pública, contribui para a ruína de muitos lares e dá margem a explorações as mais ignóbeis (Pacheco e Silva);
- o poder público não pode ser indiferente à ruína nervosa, senão à alienação daqueles sobre os quais lhe é missão velar, os inocentes, incautos, crédulos, que desses espetáculos e dessas sugestões podem ser vítimas (Afrânio Peixoto).

Contra esta última conclusão espíritas e liberais levantar-se-ão, com a Constituição Brasileira em punho, para bradar que, graças a Deus, neste país democrático, há liber-

dade de cultos. Respondemos: Sem dúvida; mas o mesmo art. 141, § 7, que nos assegura o livre exercício de cultos religiosos, acrescenta: “*Salvo o dos que contrariem a Ordem Pública ou os bons costumes*”. Ora, o Espiritismo ou o exercício público e religioso da evocação dos mortos ou espíritos, além de ser tempo perfeitamente perdido (como se viu na primeira parte), é contrário ao mandamento divino (segunda parte) e prejudicial, pernicioso, perigosíssimo, etc. para a saúde de corpo e alma dos praticantes e assistentes e, por isso, contraria à Ordem Pública e, consequentemente, é *inconstitucional*.

3) Alguns Oportunos Esclarecimentos.

Para prevenir possíveis objeções, acrescentamos os seguintes esclarecimentos:

1) O que Deus proibiu foi a *evocação* dos mortos ou espíritos, isto é: a comunicação *provocada*, de certo modo forçada, usando para esse fim meios naturais ou mágicos.

O Criador, portanto, não interditou toda e qualquer comunicação direta entre nós homens e os seres inteligentes do além. Quando, *por vontade ou por expressa permissão divina* (e não por capricho ou desejo humano!) um espírito anjélico (bom ou mau, tanto faz), ou mesmo uma alma desencarnada, aparece ou se comunica conosco, o caso é bem diferente e já não se pode falar em “evocação” dos espíritos nem em Espiritismo propriamente dito. Nem toda a manifestação espiritual e sensível é logo Espiritismo! E’ essencial ao Espiritismo evocar os espíritos, provocar ou procurar positivamente, por meios mecânicos ou por outros quaisquer métodos naturais a comunicação com os falecidos. E isso — e apenas isso — é proibido. E’ um frequente abuso dos espíritas igualar aos fenômenos “espíritas” às aparições ou comunicações espontâneas, não provocadas por homens, mas ordenadas ou ao menos positivamente permitidas por Deus, e que se narram nas sagradas páginas da Bíblia ou nos anais da Igreja (particularmente em hagiografias). Quando, por exemplo, aparece Nossa Senhora à Bernadette em Lourdes, ou à Lúcia em Fátima, não estamos, evidentemente, diante duma cena de “evocação” e, consequentemente, seme-

lhantes fenômenos de modo nenhum: são “espíritas”. Nós católicos admitimos a possibilidade e a licitude de tais aparições. Mas nem por isso somos logo espíritas! Todavia, a Igreja é muito prudente e reservada nestes casos. Sua secular experiência lhe recorda três escolhos possíveis: ou se trata de simples alucinações e sugestões (e é o caso mais frequente), ou podemos estar diante de alguma trama de embuste, ou pode tratar-se também do demônio que, como adverte São Paulo, quando aparece, “se transforma em anjo da luz” (2 Cor 11, 14). Mas sempre que se apresentem razões evidentes e que excluam estas três possibilidades, a Igreja terá grande alegria em reconhecer as espontâneas e perceptíveis manifestações do Alto.

2) Alegam os espíritas que também nós católicos invocamos os mortos, pois os Santos também são almas desencarnadas. Respondemos: é verdade; mas há uma diferença essencial entre *invocar* e *evocar*: nós católicos invocamos não evocamos os Santos. Quem apenas invoca, não pretende obter ou até provocar uma manifestação direta e perceptível.

3) A Igreja nunca se pronunciou oficialmente sobre a questão da causa verdadeira dos fenômenos espíritas: apenas lembrou a condenação divina do exercício da “evocação” dos espíritos ou melhor: condenou esta mentalidade espírita que pretende evocar os mortos contra a vontade de Deus. A Igreja jamais proibiu o estudo, a investigação científica dos fenômenos psíquicos anormais e extraordinários que os seguidores de Allan Kardec preconcebidamente denominam de “espíritas”, mas que seria muito melhor (sobretudo para evitar equívocos) classificar como “fenômenos metapsíquicos” ou “parapsíquicos”. O estudo científico da Metapsíquica ou da Parapsicologia (nome preferido pelos alemães) nunca foi proibido pela Igreja.

ÍNDICE

A Evocação dos Espíritos	3
I. E' DIVINAMENTE PROIBIDO EVOCAR ESPIRITOS	
1) A prática do Espiritismo é antiquíssima	5
2) "Não consultarás os mortos"	7
3) Este mandamento divino jamais foi revogado ..	9
4) "Amarás o Senhor teu Deus"	12
5) Diretrizes oficiais da Igreja	13
II. E' NATURALMENTE PREJUDICIAL EVOCAR ESPIRITOS	
1) O Livro Negro da evocação dos espíritos	17
2) Análise sistemática da documentação	39
3) Alguns oportunos esclarecimentos	45

